

O MITO DA UNIDADE DE ESPANHA

João Aveledo desvenda-nos a construção do mito historiográfico espanhol, que data do século XIX, e a sua concreção na série televisiva 'Isabel La Católica', emitida pela televisão pública espanhola. A intencionalidade da série fica clara, ao nos ser apresentada a rainha como umha boa pessoa que apenas procura o bem para Castela, e Joana a Beltraneja como umha rapariga ególatra.

CRIAÇÃO

Daniel Salgado escreve, traduz e põe as letras de *Das Kapital*. Colaborador habitual do Novas da Galiza, o poema que nos cede para a sua estreia nesta secção pertence à série *Ensaio*, da qual foram publicadas mais três peças em *Dorna*.

CINEMA

Alberte pagán fala-nos da sua visão a respeito do cineasta Manuel Mariño e a sua obra "Fomos ficando sós", umha experiência de cinema expandido construído apenas com um bucle de película transparente, dous projetores deitados, um espelho, um marcador azul, vários objetos de vidro e umha mesa de som.

TEMPOS MODERNOS

Viagens transminhotas em tempos recuados

Rubén Melide

*"Se a podess'eu filhar
Terria-m'én por ben-andante
e nos braços a levar
na coma do rocín, deante
per caminho de Lampai
passar Minho e Doir'e Gaia
vestida d'un pres de Cambrai
Deus, que ben lh'está manto e saia!"*

Johan Airas de Santiago

Asul do Minho, como na Galiza do norte e em todos os países do nosso contorno, viajar nos séculos finais da Idade Média era, quando menos, umha empresa arriscada: já for por necessidade, por devoção, por negócio ou por assuntos políticos, os caminhos sempre eram suscetíveis de esconderem perigos insuspeitados, os quais podiam comprometer o sucesso da travessia ou mesmo a própria vida do viajante. No âmbito local, as veredas costumavam ser designadas polos nomes da atividade a que conduziam: assim, som habituais os caminhos "do pam", "do peixe", "da missa" ou "da feira". Porém, também nom era estranho serem denominados com o topónimo correspondente ao seu lugar de des-

tino (caminhos "de Guimarães", "de Santiago" ou "de Braga").

O entramado viário do Portugal medieval era bem denso. Porém, tal rede resultava, a grandes traços, um legado de tempos mais recuados, nomeadamente da época da Gallaecia e a Lusitânia romanas. Na época medieval e moderna, as grandes vias portuguesas nom diferiam muito das herdadas do Império. Muitas vezes tratava-se de caminhos de terra, polo qual as chuvas criavam sérias dificuldades para a circulação. Assim, chegou-se ao ponto de construir capelas nos caminhos às igrejas às que nom se podia chegar devido ao lamentável estado dos caminhos.

As pontes, como já foi dito para os caminhos, vinham dos séculos precedentes, nomeadamente dos correspondentes à plena Idade Média. No que diz respeito às barcas de passagem, existe conhecimento dum elevado número delas, para além dos barcos destinados ao transporte fluvial de mercadorias. Cumpre dizer que há séculos os rios portugueses apresentavam umha navegabilidade muito superior à atual, podendo-se chegar polo Minho até Valença-Tui, polo Límia até Ponte de Lima ou polo Cávado até a Fura-

No Minho, tam venerável como artéria quanto infausto como fronteira, as principais barcas de passagem eram as de Tui, pertencentes ao Bispado e ao Cabido Catedralício, e a de Valença

da, nas redondezas da cidade de Braga. No Minho, tam venerável como artéria quanto infausto como fronteira, as principais barcas de passagem eram as de Tui, pertencentes ao Bispo e ao Cabido Catedralício. Para além dumha barca grande para o transporte de carros e animais, existiam umha mais pequena para viajarem as pessoas, e ainda outras secundárias. Na margem sul, Valença também dispunha da sua barca de passagem.

No estuário minhoto operavam com as suas barcas dous pescadores, privilegiados em 1424 polo rei português João I, fundador da dinastia Avis. Estes pescadores tinham como missão o transporte e fornecimento de alimentos aos religiosos franciscanos que viviam no convento da íngre-

me Ínsua. O tal privilégio foi renovado por Afonso V em 1462, numha sua visita ao Minho.

Nada tinha de incomum o facto de pessoas ilustres atravessarem Portugal na procura da cidade onde é redigida esta nota. Compostela era, como é sabido, destino habitual dos viajantes que percorriam a Europa na altura, e o irmão do sul nom podia ser diferente nesse sentido. Como exemplo podemos colocar o barom Leon de Rosmihal, quem saía em 1465 da boémia Praga, realizando umha viagem pola Europa que compreendeu a Renânia, Flandres, Inglaterra e a nossa Península, entre outros lugares. Em 1466, Rosmihal entrou em Portugal pola trasmontana vila de Freixo de Espada à Cinta, saindo por Valença rumo a Compostela, tendo passado por Braga —onde saudou o rei Afonso V— e Guimarães.

Também percorreu Portugal procurando Compostela Hieronymus Münzer -ou Monetarius-, médico, humanista e governante de Nuremberga. Münzer percorria o seu caminho em 1495, saindo de Lisboa, onde conversou com o rei D. Manuel quem, por sua banda, iria emular o bávaro em 1502.

Já ultrapassando os marcos estritos do medioevo, no limítrofe

Compostela era destino habitual dos viajantes da Europa

século XVI, realizou o seu itinerário o abade do cistercense mosteiro francês de Claraval, Edme de Saulieu, acompanhado polo seu secretário Cláudio de Bronseval. Entre 1531 e 1533, Saulieu e Bronseval percorrêrom os mosteiros cistercenses da Península para espalharem umha reforma monástica, motivo este último que muitas vezes lhes deparou a hostilidade dos seus confrades e anfitriões. Os monges atravessárom o Minho num sentido oposto ao dos nossos anteriores protagonistas. Se o rio era fronteira humana na altura, ficou bem demonstrado nesta ocasião, pois Bronseval afirma que em Valença "fomos mil vezes melhor recebidos e tratados do que em Tui", sendo melhor ainda o acolhimento que lhes brindárom em Caminha. Porém, em Viana do Castelo tivêrom grandes dificuldades para encontrarem umha mísera hospedaria, facto que nos reconcilia com a nossa ideia inicial: tam majestoso e inabarcável como nos resulta, o Pai Minho nom é mais do que um rio.



EM TEMPOS

Isabel e o mito da unidade de Espanha

João Aveledo

"Espanha é a nação
mais antiga da Europa"
M. Rajoi

A História de Espanha, que ainda hoje se estuda, foi reinventada no início do século XIX com base em factos, polo menos, incertos ou fantasiosos. Os seguintes três pontos resumiriam os alicerces da historiografia nacionalista espanhola:

1º Identificação do Reino Visigodo com Espanha.

2º Invasão muçulmana e posterior Reconquista que dura oito séculos.

3º Consagração da unidade de Espanha com o casamento dos Reis Católicos e a posterior tomada de Granada, culminação da Reconquista.

Esta é uma visão teleológica da História, que tem como corolário a famosa frase de José Antonio: "Espanha é uma unidade de destino no universal".

Com um importante sucesso de audiência, terminou a segunda época de *Isabel*, série de televisão que conta a história de Isabel de Trastâmara. Bom é que a televisão estatal aposte num seriado histórico, quando a verdadeira rainha no panorama televisivo (e literário!) espanhol é essoutra princesa de nome Belém. No entanto, para além de um guião bem narrado, uma produção digna, e um elenco que, salvo honrosas exceções, deixa muito a desejar, o mais destacável de *Isabel* é que bebe da tradição historiográfica espanhola.

Na série, Isabel é descrita como uma pessoa de nobres ideais, que se move apenas pela defesa de Castela (e quando no imaginário coletivo espanhol se diz Castela, quer-se dizer Espanha). O desrespeito dos pactos, as traições a antigos aliados ou a falta de piedade com os inimigos são mostrados como qualidades do seu génio político.

Porém, a sua rival Joana é apresentada como a Beltraneja, uma rapariguinha egocêntrica e caprichosa, manipulada pela mãe, a portuguesa Joana de Avis, rainha libertina e ambiciosa que engana o rei, um impotente Henrique IV, com o seu valido Beltrão de la Cueva, que insinuam ser amante, ora do rei, ora da rainha.

Trata-se de reafirmar a legiti-



dade de exercício da infanta Isabel, pondo em dúvida a origem da princesa Joana. A realidade é que Isabel usurpou o trono à legítima herdeira, a sua sobrinha Joana, jurada princesa das Astúrias em 1462 pela própria Isabel. Por outra parte, está mais que provado que, por razão de datas, o seu pai não pôde ser o tal Beltrão, que, aliás, na guerra sucessória entre Isabel e Joana, toma partido por Isabel e não pela suposta filha...

São especialmente repugnantes as cenas em que Joana, representada no seriado por uma menina que aparenta uns dez anos de idade, consuma o casamento com o seu tio Afonso V de Portugal. Num mensagem nada subliminal pretende-se provocar no espectador nojo por umas relações sexuais pedófilas e quase incestuosas. Mais uma vez, a verdade histórica é outra. Joana tinha na altura treze anos e os casamentos com essa idade entre familiares próximos eram comuns a todas as dinastias da época.

A nobreza galega, partidária da Excelente Senhora Dona Joana,

Na série, Isabel é descrita como uma pessoa de nobres ideais, que se move apenas pela defesa de Castela, e quando no imaginário coletivo espanhol se diz Castela, quer-se dizer Espanha

não é sequer mencionada. A Galiza é sistematicamente oculta.

Outra personagem importante é Fernando, o Católico. Fernando, príncipe herdeiro da Coroa de Aragão, casa com a sua prima Isabel. A série transforma a sua crueldade e a falta de escrúpulos morais nas virtudes d'O Príncipe de Maquiavel. A implantação da Inquisição ou a expulsão dos judeus também entrariam dentro dessa lógica de estado que guiava os Reis Católicos

Os membros da família real nazarí aparecem como seres despiedados, sanguinários e ávidos de poder, com a exceção de Boabdil, apresen-

tado como uma personagem fraca e incapaz para a governação. A tomada de Granada finda a Reconquista. Hoje sabemos que a palavra "Reconquista" foi empregada pela primeira vez em torno a 1800. A Reconquista seria a recuperação de uma unidade nacional perdida.

Especialmente interessante é analisar o mito da unidade de Espanha e os Reis Católicos, um mito que não se comparece com a cronologia histórica.

Quando casa com Isabel em 1469, Fernando é apenas rei da Sicília. Herda a Coroa de Aragão em 1479, sendo desde 1474 rei consorte de Castela. Morta Isabel no ano de 1504, a Coroa Castelhana passa para a sua filha Joana, alcunhada a Louca. Mas o rei da Coroa de Aragão continua a ser Fernando, que casa em 1505 com Germana de Foix à procura de um herdeiro. O herdeiro chegou em 1509, mas o príncipe João faleceu poucas horas depois de nascer. Fernando morre em 1516, contam que como consequência do uso de viagens da época, pois queria evitar por todos os meios que a sua filha Joana, a

A sua rival Joana é apresentada como a Beltraneja, uma rapariga egocêntrica e caprichosa, manipulada pela mãe, a portuguesa Joana de Avis, rainha libertina e ambiciosa

rainha de Castela, herdasse a Coroa de Aragão. Talvez não fosse tão óbvia para ele a ideia de uma Espanha unida...

Em 1507, para impedir o reinado da filha em Castela, Fernando incapacita-a, conspirando com a nobreza, e encerra-a no castelo de Tordesilhas com a desculpa da sua suposta loucura. Fernando passa a ser regente de Castela... mas não rei!

Em 1512, um exército castelhano-aragonês invade o sul e centro de Navarra, quer dizer, a Alta Navarra. A paz definitiva chegou, após 12 anos de guerra, em tempos do imperador Carlos, neto de Isabel e Fernando. A Baixa Navarra continuou a ser um reino soberano e independente, até que em 1589 Henrique II de Navarra é proclamado também rei da França.

Além disso, há que dizer que todos estes reinos, mesmo que partilhassem um mesmo soberano, mantinham fronteiras e alfândegas entre si e, evidentemente, leis próprias. Daí que, durante séculos, os nascidos em Teruel, Barcelona ou Valência, por exemplo, estiveram proibidos de fazer negócios ou de se estabelecer nas províncias americanas, pois quem colonizou a América foi a Coroa Castelhana, não Espanha.

A ideia de estado-nação provém do conceito de "Estado da Razão" do Iluminismo, diferente da "Razão de Estado" dos séculos XVI e XVII. Os estados-nação nascem em toda a Europa entre o séculos XVIII e XIX. E Espanha como tal também. Filipe V, o primeiro Bourbon, unificou a princípios do século XVIII as Coroas Castelhana e Aragonesa com os Decretos de Nova Planta. A assimilação definitiva da Alta Navarra aconteceu em 1841, após a derrota carlista, com a supressão do reino e a derrogação dos Foros. Na altura, a rainha era Isabel... Isabel II.



A FOTO

Miguel Aria

Festa dos Fachós de Castro Caldelas, 2014. Esta festa celebra-se desde 1750. Centos de pessoas marcham em procesom de noite, com cadanseu facho de palha ardendo, e o fachó vem sendo umha antorcha gigante, de entre 30 e 40 metros. A origem é o festejo da sementeira, recolhida e malha da palha, no município que era dos maior produtos de centeo do país. A vizinhança de Castro Caldelas emprega entre 15 e 20 tractores de palha, e acompanham a marcha com música e pólvora.



CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Daniel Salgado debulha os sentimentos das classes subalternas nos seus poemários e nas letras de *Das Kapital*, a banda de agit-prop eletrónica da que fai parte desde 2010. Contra o estado das cousas, traduz Allen Ginsberg e Amiri Baraka. O poema que nos cede pertence à serie *Ensaios*, da qual fôrom publicadas mais três peças em *Dorna*.

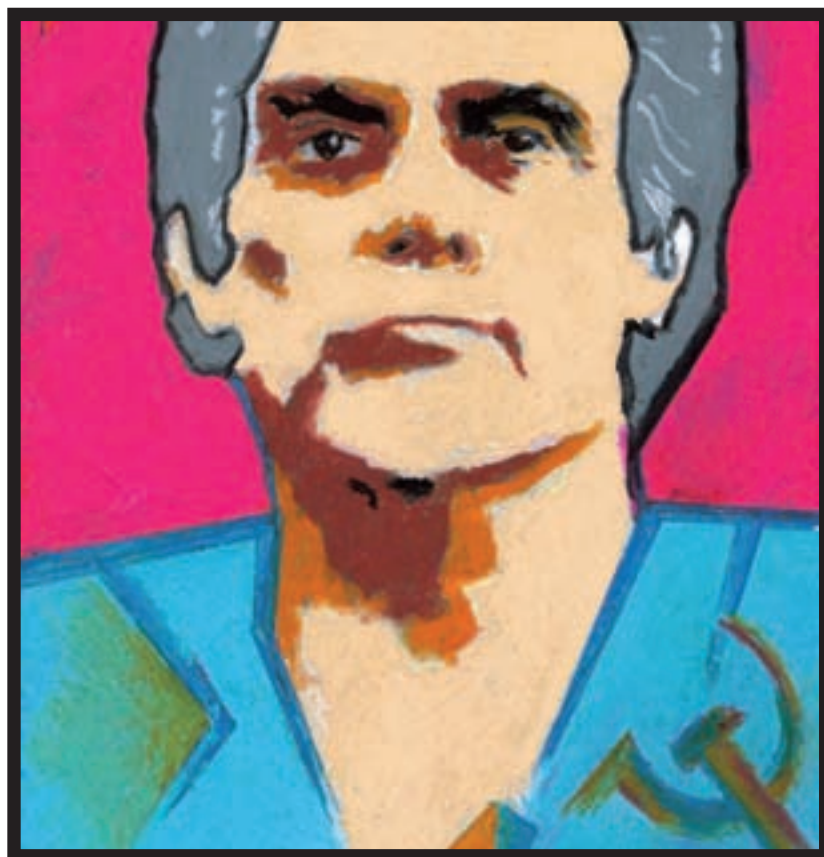


IV

“amarga é umha palavra pequena demais”
explicava-se já velho álvaro cunhal
“para falar da minha derrota”

nengum continente resiste semelhante deriva
nengum idioma sabe
onde rematam os seus poderes
nengumha palavra é grande avondo

a língua move-se entre a noite e a névoa





LÍNGUA NACIONAL

O mito da norma oficial

Isabel Rei Samartim

Das diversas formas em que se manifesta a religião do poder, bicho de sete cabeças, a pior é a das sombras cavernosas. A hidra das autoridades produz clarescuros que confundem a vista e o entendimento. Segundo o Apolo xuntesco, em Delfos não pode entrar mais que uma normativa, essa que os apolíneos funcionários chamam “oficial”. É a escura luz do estado a se projetar sobre @s mortais. A oficialidade, deus máximo, governa no mundo dos deuses mínimos. Por isso sacerdotes e fregueses se reúnem, cegos, em torno à ara institucional, para invocar a normativa suprema, a normativa luminosa, a norma oficial.

Na dança de invocação as pre-



ces ressoam com força: - Preencha o formulário na norma oficial. - Entregue a solicitude na norma oficial. - Se não está na norma oficial não receberá o subsídio. - Edi-

toras, publiquem na norma oficial e apoiaremos a literatura. - Funcionárias, exijam a norma oficial e serão bem pagas. - Usuárias, utilizem a norma oficial e atenderem

mos as suas demandas. De tal modo que, alimentada a caverna do mito, torna-se boca sem fundo, habitat natural de vermes de carreira onde as ordens são seguidas ao pé da letra.

Fora da caverna é o mundo das pessoas humanas todas. Ou seja, o mundo. Um dia, depois de dar um bom passeio, um livro que não segue a mitómana normativa quer ser publicado. O editor aduz não ter dinheiro. O autor procura outra editora e consegue publicar sem mudar palavra. Uma universitária realiza um brilhante exame em português. O professor aduz não saber português, nega-se a ler a prova. A aluna explica ao professor que o português é galego e adverte-o das consequências legais da sua ação. Também pode no mundo haver dias soleados com lagartos subidos aos valados de pedra, e alguém que apresenta um documento administrativo em português. O funcionário aduz que não está na norma oficial. O

usuário informa-o de que a norma oficial é um mito, avisa da possível denúncia por prevaricação e anima-o a tratar-se a mitomania.

Chegará o dia em que uma pessoa entre num centro educativo e veja que as atividades estão anunciadas e se realizam sem ter em conta a mitologia estatal. Entre @s mortais todas as normas ortográficas são válidas. Não há privilégios nem velas acesas nos altares. As letras voam livres e podem levar os textos galegos até ao Brasil. A impossível norma oficial ensina que os mitos pertencem ao mundo imaginário dos deuses e que no mundo das pessoas há mais gramáticas possíveis, que a língua escrita está mais viva que nunca, que há muito por sonhar, tanto por escrever e tudo por publicar. Nas nossas mãos está a chave para sair da caverna, deixar de contemplar sombras e começar a utilizar com liberdade a nossa língua. Pois ainda não foi escrita a última palavra.

CINEMA

A singradura de Miguel Mariño: Fomos ficando sós

Alberte Pagán

A corunhesa (S8) Mostra de Cinema Periférico é um festival excepcional por vários motivos: por estar dedicado ao cinema experimental; por saber conjugar vanguardas atuais com vanguardas históricas e vídeos com cinemas; por nom ser competitivo; e por apostar, dentro da sua programação, na sobrevivência do cinema expandido e as atuações ao vivo com projetores e acetatos.

Foi neste festival onde conheci o Miguel Mariño como projetorista, nalgumha ocasiom dos meus próprios filmes. Mas na última edição do (S8), o 8 de junho de 2013 e como remate de festa, descobri com abraio a sua faceta de cineasta (ou cineasta-projetorista) quando “criou” em direto a sua assombrosa peça *Fomos ficando sós*.

Fomos ficando sós é cinema expandido construído com um bucle de película transparente, dous projetores deitados e um espelho, um marcador azul, vários objetos de vidro e umha me-



sa de som. O resultado, para quem prefira mirar o ecrã e nom o Mariño em plena atividade, som três imagens verticais que se fundem e desbordam e desaparecem acompanhadas dum som hipnótico e aquático igualmente criado em direto. Que vemos no ecrã? Umha construção simétrica (pois a imagem da direita é igual à da esquerda, invertida por meio do espelho) que

começa branca (a luz atravessando o acetato transparente) e que pouco a pouco se vai tingindo de azul-marinho (Mariño pintando o borde da fita com um marcador) até encher o tríptico de água metafórica.

Polo caminho, o cineasta move os projetores para fundir os três ecrãs num só; desfoca a imagem, de jeito que o azul da água rompe o quadro; e interrompe o

feixe de luz com prismas ou frascos de vidro de maneira que a luz “desborda” o ecrã para expandir-se por toda a sala. (A palavra “desbordamento”, utilizada por Mariño, remete para Val del Omar: a vanguarda atual continua a dialogar com a histórica.) *Fomos ficando sós* estreou-se no (S8); é cinema em direto; nengumha gravação da atuação pode transmitir a sua intensida-

de; é cinema vivo, criado diante dos nossos olhos; e, portanto, é cinema efémero e eternamente em mudança. Depois da Corunha, Mariño levou a peça ao Liceu Mutante de Ponte Vedra e a Donosti, onde apresentou umha versom mudada (transformada, evoluída, estendida no tempo até perto dos 30 minutos) que incide no “desbordamento” lumínico. Quando ao final a imagem volta a se ancorar no ecrã, bem definida, o que vemos é um círculo de luz que nom é mais do que lâmpada do próprio projetor. “O final é redondo e para dentro”, dime o autor com retranca. O intenso azul do mar (“o cadavre do mar”, no verso de Manoel Antonio) perdeu-se polo caminho: só fica umha ausência de cor, um quase sépia, que semelha umha velha foto dos tempos do poeta de Rianjo. O Mar, segundo a metáfora de Mariño, é o Cinema; o Barco é a Sala de Projeção; Nós, o Público. E assim, rematada a função, “ficamos nós sós / sin o mar e sin o barco / nós.” Sós, mas enroupados com a memória dumha poderosa singradura cinematográfica.